



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

POLLIANA FELIPE DE ALMEIDA

**CORPO FEMININO NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA -
POSSÍVEIS REFLEXÕES**

**CAMPINA GRANDE – PB
2021**

POLLIANA FELIPE DE ALMEIDA

**CORPO FEMININO NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA -
POSSÍVEIS REFLEXÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso, de natureza Artigo, apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Licenciada em Educação Física.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Dóris Nóbrega de Andrade Laurentino

**CAMPINA GRANDE – PB
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A447c Almeida, Polliana Felipe de.
Corpo feminino na história da educação física [manuscrito]
: possíveis reflexões / Polliana Felipe de Almeida. - 2021.
22 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Dóris Nóbrega de Andrade Laurentino, Departamento de Educação Física - CCBS."

1. Mulheres. 2. Corpo feminino. 3. Educação física. I.
Título

21. ed. CDD 305.4

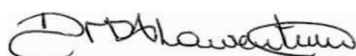
POLLIANA FELIPE DE ALMEIDA

**CORPO FEMININO NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA -
POSSÍVEIS REFLEXÕES**

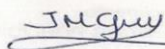
Trabalho de Conclusão de Curso, de natureza Artigo, apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Licenciada em Educação Física.

Aprovada em: 28/09/2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dr^a. Dóris Nóbrega de Andrade Laurentino (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^a. Dr^a. Jozilma de Medeiros Gonzaga
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^a. Dr^a Regimênia Maria Braga de Carvalho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao meu mentor espiritual e espíritos de luz que me guiaram e iluminaram em toda minha trajetória acadêmica durante estes quatro anos de curso.

À minha querida tia Rose e minha avó Nina, elas me acolheram quando mais precisei me dando abrigo, paz e aconchego. Minha tia principalmente, meu exemplo de força e determinação que abdicou de horas de sono todos os dias, levantando comigo às 04:00 horas da manhã para fazer meu café e às 05:00 horas me levar ao ponto do ônibus. Aconselhou - me nos momentos difíceis, compartilhou comigo sua sabedoria em meus momentos de bloqueio mental, viveu junto a mim momentos tristes, de raiva e também de felicidade a cada passo dado durante essa graduação. Se hoje cheguei até aqui, foi porque lá atrás ela não desistiu de mim e principalmente me fez não desistir também.

A Jacinto por todo apoio e paciência, por me ouvir atentamente e vibrar comigo a cada conquista, pelo amor mais puro e por ser colo em momentos de angústia.

Ao meu irmão Felipe por sempre me ouvir e apoiar, que agora pretende seguir meus passos e enquanto me despeço, ele inicia na caminhada.

Em especial, aos meus amigos maravilhosos que conquistei durante o curso e que tornaram mais leve essa caminhada: Eduardo, Emanuelle, Damilson e Flávio, obrigada a todos por cada momento em sala, em quadra, na cantina, durante e após os estágios, em chamadas de vídeos, pelas piadas, risadas e abraços. Vocês e nossos momentos estarão para sempre guardados no meu coração.

Às minhas amigas Taize, Ana Clara, Maria Karyne e Carla Suene. Por todo carinho, incentivo e palavras de acalento. Por entenderem meus sumiços em semanas de provas e principalmente nesses últimos meses de construção desse trabalho.

À minha orientadora Dóris por ter abraçado prontamente minha ideia ainda no TCC 1 e ter caminhado comigo até aqui compartilhando da melhor forma seus ensinamentos.

À minha banca examinadora por aceitar meu convite e fazer suas devidas correções nesse trabalho.

Aos meus professores, especialmente a Jeimison que me fez abrir os olhos para um lado da Educação Física nunca visto por mim. Nunca esquecerei do seu carinho e cuidado com cada aula. E de suas palavras ditas na hora que mais precisava.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	06
2	METODOLOGIA.....	07
3	CORPO FEMININO E EDUCAÇÃO FÍSICA – EM DISCUSSÃO.....	08
3.1	<i>Subjetividade feminina.....</i>	12
3.2	<i>Objetificação e sexualização dos corpos</i>	13
3.3	<i>Mulheres no esporte</i>	15
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
	REFERÊNCIAS	20

CORPO FEMININO NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA - POSSÍVEIS REFLEXÕES

FEMALE BODY IN THE HISTORY OF PHYSICAL EDUCATION - POSSIBLE REFLECTIONS

ALMEIDA, Poliana Felipe de

RESUMO

O presente artigo trata do corpo feminino na história da Educação Física e a visibilidade feminina construída ao longo dos anos. Diz respeito, mais particularmente, sobre a subjetividade feminina, a trajetória da mulher, a objetificação do corpo da mesma e sobre a influência da Educação Física nesse processo. Em que, a princípio, o machismo imperava e a maior preocupação era a busca por práticas corporais que ajudassem a desenvolver a feminilidade e a delicadeza, um corpo saudável como “ferramenta” para único e exclusivamente gerar filhos. Mulheres impedidas de praticar esporte com a justificativa de que iriam o sexualizar. Como metodologia para o estudo, utilizou-se uma pesquisa bibliográfica de natureza revisão narrativa, pautada numa abordagem qualitativa. Tem por objetivo central analisar o contexto histórico e apontar posicionamentos críticos com base na trajetória da mulher e na visibilidade do corpo feminino pela história da Educação Física desde o início até os dias atuais. E por objetivo específico, analisar a subjetividade e a objetificação de corpos femininos. Espera-se que a pesquisa proporcione contribuições inovadoras acerca do tema, gerando melhorias significativas, e que a mesma também estimule a construção de novos estudos e possíveis publicações relacionadas ao tema proposto. Conclui-se que, por mais que a lei diga que somos todos iguais perante ela, o patriarcado, machismo, desigualdade social, política, econômica e de gênero são bem resistentes e apesar de todo avanço, a mulher ainda não é tratada em par de igualdade, merecendo maior ênfase no trato da questão no campo da Educação Física, com abordagens e objetos de conhecimentos elucidados na escola, contribuindo assim para a melhoria das condições de vida da mulher e com o seu debate sócio – cultural.

Palavras-chave: Educação Física; Mulher; Corpo.

ABSTRACT

This article deals with the female body in the history of Physical Education and the visible one built over the years. It concerns, more particularly, female subjectivity, the woman's trajectory, the objectification of her body and the influence of Physical Education in this process. Where, at first, machismo prevailed and the main concern was the search for bodily practices that would help to develop femininity and delicacy, a healthy body as a “tool” to solely and exclusively generate children. Women prevented from playing sports on the grounds that they would sexualize it. As a methodology for the study, we used a literature review of a narrative nature, based on a qualitative approach. Its main objective is to analyze the historical context and point out appropriate positions based on the trajectory of women and the visibility of the female body in the history of Physical Education from the beginning to the present day. And for specific purpose, to analyze the subjectivity and objectification of female

Curso de Licenciatura em Educação Física pela Universidade Estadual da Paraíba
E-mail: polianaalmeidax@hotmail.com

bodies. It is expected that the research provides innovative contributions on the topic, generating significant improvements, and that it also encourages the construction of new studies and possible publications related to the proposed topic. It is concluded that, despite the fact that the law says that we are all equal before it, patriarchy, machismo, social, political, economic and gender inequality are very resistant and despite all advances, women are still not treated in tandem equality, deserving greater emphasis in dealing with the issue in the field of Physical Education, with approaches and objects of knowledge elucidated at school, thus contributing to the improvement of women's living conditions and their socio-cultural debate.

Keywords: Physical Education; Women; Body.

1 INTRODUÇÃO

No período moderno, mulheres eram vistas apenas pela teoria biológica. O homem como ser superior, ágil, forte, destemido. Enquanto à elas atribuíam a submissão, fragilidade e inferioridade, tidas apenas como geradoras de filhos e responsáveis pela casa. Qualquer uma que não seguisse este padrão era mal vista, a consideravam como problemática e em momento algum, questionavam esse modelo imposto pela sociedade.

Com o avanço dos tempos, surge o movimento feminista. O feminismo trata-se de um movimento político, filosófico e social que apareceu na Europa em meados do século 19, como resultado da Revolução Francesa. No entanto, só começou a se popularizar no mundo ocidental nas primeiras décadas do século XX. O movimento feminista defende a equidade de gênero e tem como lema: “igualdade, liberdade e fraternidade.” Em uma sociedade regida pelo patriarcado, feminismo não é um movimento sexista, mas sim uma luta por direitos iguais para todos.

O surgimento do movimento feminista afetou os papéis sociais, que eram restritos à esfera privada, tais como: filha, esposa, mãe, ou, timidamente desempenhados na esfera pública, na condição de educadoras ou cuidadoras, ampliando-os. A contribuição da mulher como mão-de-obra produtiva, seu desenvolvimento acadêmico e sua participação ativa na política assinalaram uma nova ordem. Dessa forma, a mulher passou a galgar posições antes consideradas, exclusivamente, masculinas (MATOS, 2005, p. 6).

O movimento dá início a uma certa libertação dos padrões e estereótipos estabelecidos pela sociedade. Ao contrário do que muitos pensam, o movimento não queria proibir mulheres de cuidar do lar ou dos filhos, mas sim dar a elas a escolha de cuidar ou não e mostrar que seu papel poderia ser para além do que lhe foi imposto. Mas, como nem tudo é aceito facilmente, começou a existir resistência ao feminismo e além de homens revoltados com o poder que mulheres estavam ganhando, também apareceram mulheres que não iam contra a sociedade e acreditavam que seu papel era exclusivo a educação dos filhos e aos cuidados da casa. Afinal, desconstruir o que lhe foi imposto por toda sua vida não é nada fácil.

Atualmente, é possível observar mudanças em comparação ao passado, porém, ainda é visto por meio de pessoas, meios de comunicação e afins, conteúdos com machismo velado ou até mesmo escancarado, que é visualizado a objetificação e sexualização de corpos de mulheres e a inferiorização da mesma.

Apesar de ainda existir dúvidas sobre o que é *feminismo*, o mesmo se trata de um movimento ao qual busca a equidade de gênero e a todo tempo procura quebrar

tabus, desconstruindo a ideia de “corpo bonito”. Ideia que a sociedade interfere diretamente no que mulheres entendem sobre. E a Educação Física faz parte dessa construção, então é necessário buscar se também interfere na forma que a mulher passou a se ver e a ser vista perante a sociedade.

Na Educação Física, a imagem da mulher foi mudando ao longo dos anos. No início, a preocupação maior era a busca por práticas corporais que ajudassem a desenvolver a feminilidade e a delicadeza, um corpo saudável como “ferramenta” para gerar filhos. Na atualidade, é notória a mudança e o espaço que mulheres ganharam, porém, embora a mulher venha ampliando seu espaço, este ainda não é necessariamente reconhecido, valorizado e com a devida igualdade em todos os determinados âmbitos.

Para se entender a desigualdade, a luta e o tracejado pela história das mulheres para conquistar seu espaço é preciso entender as mudanças que ocorreram e o histórico que habitaram.

Desta feita, esse estudo tem por objetivo central analisar o contexto histórico e apontar posicionamentos críticos com base na trajetória da mulher e na visibilidade do corpo feminino pela história da Educação Física desde o início até os dias atuais. E por objetivo específico, analisar a subjetividade e a objetificação de corpos femininos.

2 METODOLOGIA

Como metodologia para o estudo, utilizou-se de uma pesquisa bibliográfica de natureza revisão narrativa, pautada numa abordagem qualitativa por estar voltada ao aprofundamento de um caso em específico, a partir de informações adquiridas e coletadas pelo pesquisador, tendo como procedimentos iniciais posicionamentos acerca do contexto histórico e crítico ao tema proposto.

Para a construção do arcabouço teórico, tomou-se como base os eixos: Educação Física, subjetividade, objetificação e distorção da imagem feminina. Essa é uma temática considerada ainda de forma incipiente debatida pela sociedade, como pode ser percebida ainda na produção científica na área de Educação Física.

A pesquisa bibliográfica foi construída a partir de duas bases de estudos científicos, a saber: Google Acadêmico e SciELO, no período de abril à julho de 2021. As buscas foram realizadas nos idiomas Língua Portuguesa e Língua Inglesa. Para a realização da coleta de dados nessas bases científicas foram utilizadas as palavras-chave: Educação Física, corpo feminino e objetificação; e suas respectivas correspondentes em inglês: physical education, female body and objectification. Para as filtragens das buscas, utilizou-se o operador booleano “OR” e estudos publicados nos últimos 30 anos.

A partir disto, na base de dados Google Acadêmico foram encontradas 7.070 publicações e na base de dados SciELO foram encontradas 3.648 publicações. Uma grande amostragem devido principalmente a quantidade de anos definida como função de filtragem. Porém, a partir da navegação pelas bases, foi visto que os títulos dos estudos em sua maioria não se relacionavam aos objetivos desse trabalho. Apresentando temáticas relacionadas a área da Educação Física em geral e não necessariamente ao tema proposto. Quando encontrada uma das palavras-chave citada no título que aparentemente teria maior relevância a este estudo, era lido seu resumo com intuito de saber se era possível incluí-lo ou não como amostra.

Com isso, foram selecionados 38 estudos do Google Acadêmico que tinham relação mais próxima com a temática. Em seguida, após a leitura e estudo desses 38

textos na íntegra, resultou-se numa amostra de 05 trabalhos que tinham uma discussão sociocultural e centrada em corpo feminino atrelado à Educação Física. Diante desta perspectiva, como parte da unidade amostral, tomou-se com base as seguintes publicações:

- 1 - **“A educação física e a construção de imagens de feminilidade no Brasil dos anos 30 e 40”** (Autora: GOELLNER, Silvana Vilodre);
- 2 - **“A mulher na pós-modernidade: uma breve reflexão sobre identidade, papéis sociais e emoções”** (Autora: MATOS, Vera Lúcia Dantas);
- 3 - **“Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica”** (Autora: GOELLNER, Silvana Vilodre);
- 4 - **“Educação e Subjetividade na Cultura Globalizada: ideias a partir da Teoria da Complexidade de Edgar Morin”** (Autor: LORIERI, Marcos Antônio);
- 5 - **“Livro: Educação física progressista”** (Autor: GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo).

Já na base de dados SciELO, foram selecionados 15 estudos em que continham semelhança a proposta desse tema. Após a leitura desses 15 estudos, foi visto que apenas 02 apresentavam discussões que enfatizavam os objetivos desta pesquisa. A partir disto, como parte da unidade amostral, tomou-se com base as seguintes publicações:

- 1 - **“Corpo feminino e violência de gênero: uma análise do documentário “chega de fiu fiu”** (Autor: TILIO, Rafael De et al);
- 2 - **“O belo, o feio e o abjeto nos corpos femininos”** (Autora: BENTO, Berenice).

Para acrescentar um melhor embasamento teórico à pesquisa bibliográfica, foram utilizadas também artigos e matérias de sites, jornais e revistas em meio eletrônico, encontradas através de buscas no Google. Os utilizados foram: **Diário de Notícias; Portal Esporte em Rede; Portal de Notícias Quebrando o tabu; Portal Mídia Ninja; Portal Runningherois; O Globo Esportes; Revista Digital Efdeportes.com; Revista Glamour; R7 Internacional.**

3 CORPO FEMININO E EDUCAÇÃO FÍSICA – EM DISCUSSÃO

Para compreender a Educação Física e algum possível poder de influência, é necessário antes entendermos um pouco melhor sobre o seu percurso histórico.

A Educação Física já existia bem antes de assim ser nomeada, foi sendo moldada a partir da evolução natural e cultural e interferência dos sistemas sociais, políticos e científicos. Na época pré-histórica, inconscientemente já se tinha uma necessidade de realização de atividades físicas pelo instinto, a preocupação de ser mais forte para então melhor se defender e revidar ataques.

No Brasil colônia, foram através dos indígenas e escravos as primeiras representações de atividades físicas. Pelos índios, elementos naturais como o nado, brincadeiras, locomoção e pelos escravos a capoeira. Porém, o início da Educação Física escolar no Brasil a qual a tornou obrigatória, só se deu em 1851 através da reforma Couto Ferraz. E só em 1882, Rui Barbosa deu seu parecer sobre a Reforma Leôncio de Carvalho, no qual defendia a importância da ginástica para formação.

Segundo Castellani (1988, p. 11) “a Educação Física tem servido de poderoso instrumento ideológico e de manipulação para que as pessoas continuem alienadas e impotentes diante da necessidade de verdadeiras transformações no seio da

sociedade”. Com base nisso, podemos ver a influência ideológica na história da Educação Física. Na área educacional, é possível observar a interferência das tendências tradicionais.

Ghiraldelli (1998) identifica concepções e as divide em 5 tendências: Higienista (até 1930), Militarista (1930 à 1945), Pedagógicista (1945 à 1964), Competitivista ou Esportivista (1964 à 1985) e Popular (1985 até a atualidade).

Dentro de cada, podemos observar visões bem diferentes. A começar pela tendência Higienista, nela dava-se ênfase a busca pela saúde, a Educação Física como potencializadora de saneamento público. Baseado na saúde em primeiro lugar e no corpo biológico. Já na tendência Militarista, Segundo Ghiraldelli (1998, p. 18) a Educação Física era usada como um processo de eugenia da raça e preparação corpórea para servir a pátria. Buscavam impor padrões de comportamentos estereotipados. Seu objetivo era o “aperfeiçoamento da raça” e indivíduos obediente. A construção da figura masculina como ágil, forte, preparados para suportar tudo quando estivessem em combate, enquanto a feminina era frágil e delicada. Dentro das escolas aulas ministradas, em sua maioria, por militares. Consistiam em um desenvolvimento de atividades estritamente corporais com o intuito de fortalecimento do corpo e espírito para preparar jovens a um possível envio de tropas à guerra.

Em contrapartida, após a Segunda Guerra Mundial, a tendência Pedagógicista, denominada como biopsicossocial, avançou para construção pedagógica, passando a importar questões como a cooperação e superação dentro das escolas. Buscando a formação física e mental do aluno. Uma educação mais Liberal. Depois de todo avanço, a tendência Competitivista ou Esportivista foi a próxima a se instalar, esta coincidiu com a chegada das grandes indústrias em nosso país, indústrias essas que promoveram ainda mais desigualdades sociais. Gerando poder aos militares que por sua vez assumiram o poder através do golpe de 1964. Dessa forma, toda aquela construção pedagógica é derrubada. Aspectos afetivos e sociais passaram a não importar e o culto ao rendimento, ao atleta-herói tomou posse. Segundo Ferreira (2009) a influência do Esporte na Educação Física nesse período foi tão grande que as práticas corporais foram deixadas de lado, tornando assim, a Educação Física inferior e simplesmente submissa ao esporte.

No mesmo período da tendência Militarista a famosa Revista “Educação Physica” tinham tópicos dedicados às mulheres ensinando-as como deveriam se portar diante a sociedade utilizando da Educação Física como suporte para serem belas e melhorarem seus corpos com o intuito de não ter complicações no parto ou na geração do bebê. No artigo: “Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica” Silvana Vilodre Goellner fala sobre as publicações da Revista datadas entre: 1932 à 1945.

Se a revista Educação Physica foi importante no momento de sua circulação ainda o é na atualidade porque permite conhecer a produção de diferentes mulheres e homens, cujas contribuições marcaram o fazer da Educação Física, pelo que explicitaram e/ou deixaram de explicitar. Permite, também, passear por um tempo que é passado e é presente pois, apesar de distante na cronologia, carrega em si proximidades com representações, conceitos e preconceitos, formulações teóricas, construções estéticas, políticas e ideológicas, desse tempo que é hoje e que é nosso (GOELLNER, 1999, p. 16).

Esse tipo de publicação em revista com grande público tem enorme influência e é capaz de distorcer completamente a ideia da mulher sobre seu próprio corpo e sobre qual o seu papel perante a sociedade. A revista, por mais que essas publicações

em específico sejam antigas, o conteúdo abordado nela não é tanto assim. A começar pela indústria da moda, mesmo com o avanço dos tempos, seu padrão de modelo ainda se dá pela magreza e altura. Em outdoor estampados pelas cidades vemos “a perfeição” imposta. Celulite, estrias, são facilmente editados e tudo que é considerado como “imperfeição” é removido. Silvana Vilodre Goellner (1999) em seu artigo escancara o que a indústria por trás da Educação Física gostaria que fosse implantado nas mentes femininas.

Em consonância, no seu artigo: “A mulher na pós-modernidade: uma breve reflexão sobre identidade, papéis sociais e emoções”, Vera Lúcia fala sobre esse consumo feminino exacerbado:

É interessante notar que um adjetivo muito em evidência e que representa ‘consistência’ é a plasticidade. Vive-se numa época onde tudo é relativo, é maleável, tudo muda conforme os ditames da economia. Cabe aqui mais um tema para reflexão: exibe-se nos dias de hoje um modelo de beleza padrão a ser alcançado pelo público feminino, refletido no apelo exagerado ao consumo de roupas da moda, cremes e tratamentos cosméticos que visam conservar a juventude por mais tempo, fórmulas ‘mágicas’ para manter o corpo esbelto e outros recursos que retratam uma preocupação maior com a mulher. Isso, provavelmente, não acontece ao acaso, já que observa-se um potencial consumista feminino, significativamente, superior em relação ao masculino (MATOS, 2005, p. 9).

Os tempos mudaram, décadas se passaram e o culto ao corpo parcialmente mudou. Não conseguiram segurar as mulheres apenas dentro de casa, como sugeria a revista, ser só “bela” e “feminina” e “mãe” não bastava. A indústria então se reinventou. Passou a vender um outro modelo de corpo, o cheio de músculos marcados, que hoje passou a ser chamado de estilo “*panicat*” em alusão a um programa da televisão brasileira que se tornou conhecido na Rede TV e por ter se tornado famoso foi comprado para ser exibido no canal Band, em que era apresentado por um homem e suas assistentes de palco e repórteres eram mulheres muito musculosas e seminuas. O “Programa Pânico na TV” exibido durante 11 anos em rede nacional. No mesmo programa constava um quadro em que dois humoristas iam para praia avaliar “atributos físicos” das mulheres, com o intuito de entregar adesivos com os dizeres “Vô” ou “Num vô”, com insinuações de natureza sexual. Quanto mais musculosas recebiam o adesivo “Vô”, quanto mais natural e não encaixada no padrão imposto, recebiam o “num vô” e se tornavam motivo de piada.

Ser ou pertencer ao modelo tido como “padrão”, ser musculosa, se dedicar aos treinos não é o real problema se isso for uma vontade própria, porém, a partir do momento que isso sai do controle e passa a ser o que a sociedade impõe, encontramos a verdadeira problemática.

A busca incansável pelo corpo perfeito faz aumentar a venda de *Shakes*, cintas modeladoras, pílulas para emagrecimento, gel redutor de medidas, curso: “perca a barriga em 2 horas de treino” e outras coisas tão absurdas quanto. O papel da Educação Física não é tornar um modelo padrão de mulheres, não deve ser tornar mulheres dependentes da vaidade. Corpo bonito deve ser aquele que tem alguém saudável dentro dele, o que não necessariamente é proporcionado pelos treinos em excesso. Isso para carga emocional pode ser mais nocivo do que benéfico. Mas, infelizmente não é o corpo saudável que gera lucro, é a estética.

Desde pequenas sendo ensinadas, moldadas, consumindo mesmo sem perceber conteúdos que interferem diretamente na subjetividade feminina. Todas essas ideias e conceitos vendidos, ajudam na construção da imagem de “corpo

perfeito”. A partir do momento que só o magro ou o musculoso é bonito, a individualidade biológica passa a não importar, mulheres querem “caber” em corpos que sua estrutura óssea e fatores, como por exemplo, hereditariedade, não permitem. O que pode gerar diversos transtornos e problemas de aceitação.

A partir disto, abre a reflexão para uma outra problemática: corpo musculoso bonito até que ponto?

O aumento excessivo de determinadas massas musculares das mulheres atletas ou praticantes de esportes, por exemplo, é censurado porque destituído de graça e harmonia. Ao corpo feminino excessivamente transformado pelo exercício físico e pelo treinamento contínuo são atribuídas características viris que não apenas questionam a beleza e a feminilidade da mulher mas também colocam em dúvida a autenticidade do seu sexo. Afinal, o homem - seu corpo e seu comportamento - é o modelo a partir do qual o corpo e o comportamento da mulher são julgados, estigmatizando aquelas que ultrapassam os limites que convencionalmente lhe foram impostos. Olhada assim, se uma mulher não parece ser uma mulher é porque é um homem. Ou ainda, um homem pela metade (GOELLNER, 2000, p. 65).

Em seu artigo: “A educação física e a construção de imagens de feminilidade no Brasil dos anos 30 e 40”, Silvana Vilodre Goellner faz uma análise do corpo feminino musculoso. Como visto, o mesmo só é bonito até certo ponto. O feminino é atribuído ao frágil e delicado, enquanto o masculino ao viril e forte. A partir do momento que a mulher torna-se muito musculosa, lhe é tirado esses “traços de feminilidade”, sua aparência é comparada a de um homem e sua sexualidade questionada. Limitam e impõem padrões a identidade da mulher. O que foi citado na visão de corpos nas décadas de 30 e 40, não difere muito da atualidade. Um dos maiores exemplos disso é a modelo de fisiculturismo e ex-dançarina brasileira mais conhecida como Gracyanne Barbosa, em uma rápida visita as suas redes sociais, é possível ver inúmeros comentários contendo críticas ao seu corpo, questionamentos sobre seu casamento, sua sexualidade, sua “perda de feminilidade”. Ela, é apenas mais uma das tantas vítimas de uma sociedade machista e conservadora, que despreza o que difere do modelo padrão estabelecido.

Temas como gênero, sexo biológico, identidade de gênero e sexualidade ainda são pouco entendidos e considerados um verdadeiro tabu para sociedade. Sexo biológico de uma pessoa nada tem a ver com gênero. Este sexo, é determinado a partir de genes e genitálias. Enquanto gênero, é uma construção social. Sendo assim, se ao nascer alguém for identificado como menino, mas ao crescer se entende como menina, essa assim é uma mulher transexual.

Em seu artigo: “O belo, o feio e o abjeto nos corpos femininos”, Bento fala sobre o corpo feminino da mulher trans tido como abjeto, ou seja, como desprezado e vil.

A capacidade heurística e política da noção de abjeção não se limita ao sexo e ao gênero, campos que a utilizam mais largamente para discutir as dissidências. Relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas vidas e cuja materialidade é entendida como não importante. Historicamente, construíram-se figuras abjetas exemplares: as bruxas, os hereges, os bárbaros. Um dos elementos estruturantes da produção dos sujeitos abjetos é a negação da singularidade. Assim, basta eu falar “travesti” que o termo nomeia e qualifica todas as pessoas que vivem a travestilidade. Não há diferença, não há biografia. A retórica universalista olha para os corpos como uma anátema sem distinção (BENTO, 2021, p. 169).

A mulher transexual tem a todo instante sua identidade julgada, marginalizada e excluída. Quando falamos sobre trans nos esportes, um ponto que é frequentemente mencionado são as questões hormonais. Sobre esse assunto, devemos saber que de acordo com a regulamentação do COI de novembro 2015, Comitê Olímpico Internacional, foram estabelecidos padrões de avaliação. No caso de mulheres transexuais, um nível baixo de testosterona é determinado e precisa ser mantido por pelo menos 12 meses. Todas as atletas trans que participam atualmente da competição estão dentro do escopo da lei. Seus hormônios estão na mesma faixa que mulheres cis. E ainda assim, a transfobia é nítida. A exemplo disso, temos a jogadora de vôlei Tiffany, primeira atleta trans a disputar a Superliga que já sofreu com comentários de teor transfóbico enquanto estava dentro de quadra no meio de uma partida.

3.1 Subjetividade feminina

O patriarcado é um sistema social que favorece homens, em especial o branco, cisgênero e heterossexual. A fim de se manter vigente, busca a todo custo se proteger no meio social através do discurso, ajudando assim a estabelecer o conceito de homem ou mulher / masculino ou feminino. Desse modo, os discursos religiosos, científicos, filosóficos e históricos reforçam e legitimam a incapacidade natural das mulheres.

Segundo Gaspari (2003, p. 29) Rousseau acreditava que a educação da mulher deveria se limitar à família, para ele mulheres não deveriam buscar o conhecimento por ser contrário à sua natureza.

Segundo Gaspari (2003, p. 31) Kant, influenciado por Rousseau, reforçou o conceito de inferioridade feminina, utilizando o discurso sexista ao não a ver como atuante perante a história e descreve as mulheres como submissas ao homens.

Subjetividade é uma construção, neste sentido é construída por cada um(a) de nós e por nossas vivências, influências e cultura do meio em que vivemos. Sendo assim, tudo que é consumido por nós, nos ajuda na formação de opiniões, vislumbrando reflexões e posicionamentos críticos. Dessa forma, entra a subjetividade feminina, o peso em cima da construção da imagem da mulher.

Se assim é, nossa subjetividade é algo construído, construído por cada um de nós e ao mesmo tempo por influências poderosas do meio em que vivemos: ou dito de outro modo, nas inter-relações nas quais estamos enredados desde que nascemos. Enredados, isto é, postos numa rede complexa de relações. É nesta rede que construímos a morada/abrigo ou o espaço/moradia de nós mesmos com tudo o que nos afeta e de onde também afetamos o que e a quem nos cerca. Afetamos incluindo e excluindo o que de fora nos vem e pelo que nos deixamos afetar ao mesmo tempo (LORIERI, 2008, p. 77).

Muitas questões mudaram a subjetividade feminina ao longo dos anos. Primeiramente foi construída de forma submissa, a figura feminina no período da modernidade atribuía às mulheres funções restritas apenas aos afazeres domésticos e a educação dos filhos. Eram consideradas frágeis e desprovidas de inteligência, sendo incapazes de opinar sobre assuntos como: política, cultura ou economia. Se anulavam para servir aos outros, eram proibidas de questionar, votar, debater, ir contra o que era imposto a elas. Questões como sexualidade era um verdadeiro tabu, sendo permitido apenas depois do casamento. O que na pós-modernidade passou por transformações. Com o surgimento do movimento feminista, mulheres passaram

a ocupar posições antes consideradas masculinas. Devido a necessidade da mão de obra da mulher após o déficit de produção masculina no período das grandes guerras mundiais, começaram a atuar no mercado de trabalho. O que repercutiu na ressignificação de suas identidades, pois a mulher passou a ganhar visibilidade social.

Segundo Gaspari (2003, p. 42) “é um paradoxo criminoso recusar à mulher toda a atividade pública, vedar-lhe as carreiras masculinas, proclamar sua incapacidade em todos os terrenos e confiar-lhe a empresa mais delicada, mais grave que existe: a formação de um ser humano”.

Uma outra grande conquista foi o direito ao voto feminino. A exclusão da mulher dos direitos políticos as enquadrava como cidadãs de 2ª classe, que tinham sua representatividade cerceada pelos interesses masculinos. As mulheres conquistaram o direito ao voto em nosso país apenas em 1932, através do Decreto nº 21.076 instituído no Código Eleitoral Brasileiro, e consolidado na Constituição de 1934. A emancipação feminina teve como precursora a educadora Leolinda Daltro.

Outro marco, foi a partir do momento que necessitaram da mão de obra feminina por volta das décadas de 80 e 90. O feminismo por sua vez, reivindica direitos e igualdade de gênero e as mulheres ganham forma. Contudo, apesar do avanço a equidade de gênero não foi alcançada, com o preconceito e o machismo ainda em ascensão na mente humana, mulheres passaram a ter jornada dupla de trabalho: trabalhar fora e cuidar da casa e dos filhos. Por isso, a ainda cobrança de mulher-mãe.

Apesar da construção da subjetividade feminina de forma submissa, de não ter sido alcançada a equidade de gênero, na atualidade é nítida a ocupação de mulheres em lugares que antes eram impossíveis. Mulheres trabalhando em cargos importantes, exercendo o direito ao voto, não sendo restrita apenas a mãe. Porém, a intenção não é que percam seus valores femininos, mas sim que os preservem independente do papel que ocupem, construindo assim uma nova subjetividade.

3.2 Objetificação e sexualização dos corpos

Tilio, Rafael De et al, no artigo: Corpo feminino e violência de gênero: uma análise do documentário “chega de fiu fiu”, fala de um corpo feminino dominado e oprimido em uma cultura em que o homem tem todos os direitos e poderes, então essa objetificação se desdobra em inúmeras formas e manifestações, incluindo violência moral e violência sexual.

A reificação do corpo feminino que deve se submeter ao desejo masculino; a ocorrência do assédio e da violência contra as mulheres (que ficam mais ou menos expostas a depender da classe social e raça/etnia às quais pertencem); a restrição da circulação das mulheres nos espaços públicos; a reprodução e a naturalização dos privilégios dos homens; a distinção de gênero em relação ao assédio moral (sedução para os homens, incômodo recorrente nas piadas e nas cantadas para as mulheres); a cultura do estupro compreendida como naturalização de atitudes próprias de uma sociedade patriarcal que estimula agressões sexuais e outras formas de violência contra mulheres (TILIO, RAFAEL DE ET AL, 2021, p. 11).

A objetificação consiste em atribuir aquele indivíduo a um objeto e isso é facilmente identificável até hoje na forma que a publicidade vende a imagem do corpo feminino. O Brasil é um dos países que mais hipersexualiza corpos de mulheres. Isso se dá principalmente pelo machismo imposto ao longo dos anos.

Então, não só acontecia como ainda acontece e infelizmente é comum a objetificação e a sexualização de corpos femininos dentro de diversos âmbitos e principalmente dentro do esporte. Isso está enraizado desde quando limitaram a mulher apenas a "templo de reprodução". Pierre de Coubertin (1896), que ficou para a história como o fundador dos Jogos Olímpicos da era moderna, acreditava que a presença da mulher no esporte poderia vulgarizá-lo. E essa ideia de erotização foi se estendendo ao longo dos anos. O feminismo por sua vez, é o movimento que procura desmistificar essa ideia.

Em contrapartida, vemos a mídia utilizando do movimento para vender um outro tipo de "empoderamento" que nada mais é do que uma erotização velada. Mulheres seminuas fazendo propaganda de cerveja em rede nacional, na tentativa de alimentar a mente masculina. A figura feminina sendo masculinizada dentro do esporte, enquanto comentaristas como o próprio Joseph Blatter que em 2004 sugeriu que as jogadoras usassem "shorts mais apertados" para serem mais populares dentro do esporte. A questão é: eram as roupas que deveriam torná-las mais populares ou o talento? Claramente não costumam cobrar em uma partida nada além de boa atuação em campo para os homens.

Em 2001, por exemplo, o projeto do campeonato Paulista feminino levava em consideração os aspectos físicos das jogadoras como critérios essenciais para se ter um torneio "bonito". No projeto do campeonato daquele ano elaborado pela Federação Paulista de Futebol (SPF) tinha o critério: "Desenvolver ações que enalteçam a beleza e a sensualidade da jogadora para atrair o público masculino".

Recentemente, a alemã e ginasta Sarah Voss usou um macacão de corpo inteiro no Campeonato Europeu de Ginástica Artística desafiando as convenções. Outras duas companheiras de equipe fizeram o mesmo na competição em Basel, na Suíça, que terminou no fim de abril deste ano. Juntas, esperam que mais atletas sigam o exemplo da equipe.

A justificativa da federação alemã é que elas estão se posicionando contra a "sexualização na ginástica" e que as atletas devem se sentir confortáveis com suas roupas. Sarah Voss explicou sua decisão em uma entrevista: "Quando era uma garotinha, eu não via problema nas roupas de ginástica justas. Mas, quando a adolescência começou, quando minha menstruação chegou, comecei a me sentir cada vez mais desconfortável." Disse ela. Até então, as atletas só tinham coberto as pernas em competições internacionais por motivos religiosos.

Em contrapartida, nos Jogos Olímpicos de Tóquio (2020), a seleção feminina norueguesa de handebol de praia recebeu a punição no valor de 9,3 mil reais após as jogadoras optarem por jogar de short ao invés do biquíni tradicional.

Em entrevista para revista TPM a jogadora de vôlei de praia Carolina Solberg se posicionou sobre quão desconfortável é tal situação. Em um trecho ela disse: "Quando estamos na quadra de biquíni estamos muito expostas. Às vezes você está ali para sacar e fica com a bunda literalmente na cara de uma pessoa com uma câmera. É muito desagradável. Tem zilhões de sites com bunda de jogadora de vôlei. Muitas vezes a gente joga em lugares tipo a Noruega, e entra uma frente fria que um gelo. E aí rola esse assunto: "Mas vai jogar de roupa? É ruim para televisão!" Por que? É triste pensar que um esporte está ligado à pessoa ligar a televisão e ver um monte de mulher de biquíni, não é esse jogo".

Por mais que as mulheres façam história no esporte, infelizmente ainda são vistas como acessório para promover o esporte para o meio masculino. Vemos isso claramente quando um comentarista em vez de falar sobre habilidades e competência da mulher enquanto pratica seu esporte, ele resolve falar sobre o corpo ou sua roupa,

um comentário desnecessário sem preocupação nenhuma com a repercussão. Vemos isso quando grandes marcas não apoiam o esporte feminino, querem as mulheres nas suas telas para apresentar algum produto, muitas vezes estando seminuas, mas não para utilizá-lo em seus jogos. E também nas famosas "*ring girls*" que enquanto homens são pagos para trocar golpes, ela são pagas com o intuito de distrair a plateia com seus corpos.

3.3 Mulheres no esporte

É válido lembrar que a prática esportiva deve ser para além dos atributos físicos que pode proporcionar. É importante por inúmeros fatores: desde a melhora do condicionamento muscular e cardiorrespiratório, até a prevenção do desenvolvimento de doenças crônicas. É uma aliada na melhora do sono, estresse e dores, por exemplo. Promovendo a melhora da qualidade de vida em geral. Entretanto, a figura feminina construída no período da modernidade que se entendeu por parte da pós-modernidade atribuía às mulheres funções restritas apenas aos afazeres domésticos e a educação dos filhos.

Um grande exemplo, era os impressos na época de 1932 à 1945. Em seu artigo: "Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica" Silvana Vilodre Goellner explica como era representada a mulher na famosa revista "Educação Physica", mostrava nela exatamente como era a visibilidade do corpo feminino, nela existiam tópicos dedicados as mulheres ensinando-as como deveriam se portar diante a sociedade e a utilizarem da Educação Física como suporte para serem: "Bela, maternal e feminina".

A Revista Educação Physica exige diferentes recomendações para as mulheres. Se, por um lado, critica a indolência, a falta de exercícios físicos, o excesso de roupas, o confinamento no lar, por outro, cerceia possíveis atrevimentos. Afirma um discurso voltado para a produção da "nova mulher": moderna, ágil, companheira, responsável, capaz de enfrentar os desafios dos novos tempos. No entanto, a representação construída desta "nova mulher" traz poucas possibilidades de construção de um efetivo projeto de emancipação feminina na medida em que, suas "conquistas" devem estar ajustados aos seus deveres. De outro jeito: precisa ousar sem com isso, esquecer de preservar suas virtudes, suas características gráceis e feminis nem abandonar o cumprimento daqueles deveres que, ao longo da existência, lhe foram designados: o cuidado com o lar e educação dos filhos (GOELLNER, 1999, p.16).

Apesar de todo preconceito e estereótipo, entre 1920 e 1930 apareceram as primeiras esportistas brasileiras, Maria Lenk foi uma delas. Em 1932 a nadadora participou dos Jogos Olímpicos em Los Angeles ao lado de outros 66 homens, sendo a primeira mulher brasileira a representar o Brasil em uma competição Olímpica. Mesmo não alcançando o pódio, sua conquista foi um grande feito para o esporte nacional. Já nos Jogos de Berlim, em 1936 ajudou a difundir o nado borboleta (oficializado na Olimpíada de 1956) ao apresentar uma braçada diferente, até então usada apenas por homens ao competir no nado peito.

O esporte era considerado algo masculino por exigir de: força e resistência. Características que não atribuía as mulheres pôr as considerarem frágeis e delicadas. As cresçam consideravam que mulher dava azar se inserida no meio esportivo, que era considerado como templo sagrado e exclusivo para homens. Tanto é que em concordância com isso, no Brasil em 14 de Abril de 1941, o presidente

Getúlio Vargas baixou o Decreto-Lei 3.199, art. 54, que proibia as mulheres de praticar esportes que não fossem “adequados a sua natureza” que ficou em vigência até o ano de 1975.

Nos Jogos Olímpicos, o maior evento esportivo mundial mulheres só puderam participar a partir de 1900 em Paris em modalidades restritas: golfe e tênis, por serem considerados delicados e belos. Antes disso, mulheres não participavam de nada com a justificativa de que poderiam “prejudicar o corpo que mais tarde iria gerar filhos”.

Indo contra tudo e todos, em 1896, Stamata Revithi, uma mulher grega, queria correr a maratona dos Jogos Olímpicos de verão, mas foi impedida. Um dia após a competição oficial, ela fez o mesmo percurso da maratona, concluindo os 42km com 2 horas de diferença para o vencedor, porém, ficando à frente de vários homens. Essa maratona em específico só foi aberta às mulheres nos jogos olímpicos de 1984.

Em meados de 1960 o movimento feminista começou a criticar mais a ausência de mulheres no esporte, questionando qual o verdadeiro papel social da mulher. A justificativa de que mulheres só seriam ótimas donas de casa e mães não convenciam e a partir disso, mais mulheres passaram a participar de atividades esportivas.

E foi no ano de 1964 que mais uma mulher entrou para história. Aída dos Santos era a única mulher da delegação brasileira nas Olimpíadas de Tóquio e única representante do atletismo. Que totalmente em desvantagem: sem uniforme, sem sapatilhas, com um dos pés lesionado e sem técnico, bateu o recorde nacional na final. Sua façanha foi recorde brasileiro durante trinta e dois anos.

Já em 1967, uma americana, de vinte anos, Kathrine Switzer, foi a primeira mulher a participar da Maratona de Boston (EUA). Na época apenas homens podiam integrar quaisquer provas de rua no país.

Enquanto Getúlio Vargas proibia através do decreto-lei a prática esportiva por mulheres, Asaléa de Campos Fornero Medina era a centroavante de um time clandestino. Mais tarde ela se formou em Educação Física, além de cursar por uns meses a escola de árbitros da Federação Mineira de Futebol e fazer aulas de boxe. Em 1971, foi convidada pela Federação Internacional de Futebol (FIFA) para apitar um mundial de futebol feminino no México se tornando a primeira mulher árbitra de futebol profissional no mundo.

Em 1984, a suíça Gabrielle Andersen ficou mundialmente conhecida por protagonista de uma das mais famosas cenas dos Jogos Olímpicos em Los Angeles. A atleta completou a Maratona extremamente fraca e visivelmente desidratada, mesmo assim, levou a plateia ao delírio.

Outro grande nome, Hortência Fátima Marcari se tornou a maior pontuadora da história da Seleção Brasileira. Já disputou 5 mundiais, foi a primeira brasileira a entrar para o Hall da Fama do Basquete Internacional e participou de conquistas como: a medalha de ouro em 1994 e a medalha de prata na Olimpíada de 1996.

A francesa Surya Bonaly, em 1998 nos Jogos Olímpicos de Inverno, Japão, desafiou o júri após receber diversos boicotes pelo ambiente conservador da patinação artística e realizou um feito inacreditável “mortal a retaguarda, com a saída especial, aterrando um patins”, movimento banido desde 1976 e que nunca mais foi visto em jogos oficiais.

A pequena no tamanho e enorme no talento, Daiane dos Santos se tornou um dos maiores nomes do esporte no país. Foi a primeira ginasta brasileira e negra, entre homens e mulheres, a levar uma medalha de ouro no Mundial de Anaheim, Califórnia, em 2003. Ela tem um movimento na ginástica em sua homenagem: o duplo twist carpado. Recentemente, em uma entrevista para Marie Claire, Daiane contou o quanto sofreu racismo enquanto uma mulher negra dentro do esporte, ela afirmou que:

“Houve situações na seleção, nos clubes, de pessoas que não queriam ficar perto, que não queriam usar o mesmo banheiro! Aquele tipo de coisa que nos faz pensar: opa, voltamos a segregação. Banheiros para brancos e banheiros para pessoas de cor.” Daiane fez parte da primeira equipe completa de ginástica feminina que o Brasil levou para as olimpíadas em 2004. Hoje ela é a principal comentarista da modalidade em programas esportivos.

A incrível Marta Vieira da Silva, ou simplesmente Marta, ganhou seis vezes, dentre eles 5 anos consecutivos (2006, 2007, 2008, 2009, 2010 e 2018) o prêmio Bola de Ouro da Federação Internacional de Futebol (FIFA), como melhor jogadora do mundo. Ela se tornou a maior artilheira das Copas do Mundo de Futebol Feminino, em 2015 e também é a maior artilheira da história da Seleção Brasileira.

Em 23 de julho de 2021 foram inaugurados os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020, o evento precisou ser adiando para este ano devido a pandemia ocasionada pela Covid-19 que impossibilitou a realização do evento na sua data original. Nos jogos, mulheres obtiveram diversos feitos históricos.

Dentre tantas, a começar por Oksana Chusovitina que aos quarenta e seis anos de idade, quebrando ideias e preconceitos de que o fator idade pode ser um impedimento para participação, despedindo-se de sua oitava Olimpíada integrou a equipe de ginástica do Uzbequistão, sendo assim aclamada em Tóquio.

Em outro cenário esteve Rayssa Leal, a carinhosamente chamada por “fadinha do skate”, que conquistou a medalha de prata na modalidade mesmo com apenas treze anos de idade, se tornando a mais nova medalhista da história dos Jogos Olímpicos.

Laura Pigossi e Luisa Stefani também entraram para história conquistando medalha inédita de bronze no tênis. Juntas, igualaram a melhor marca da história do tênis brasileiro em Olimpíadas.

A levantadora de peso Hidilyn Diaz ganhou a primeira medalha de ouro da história de seu país, Filipinas. Após uma longa espera de noventa e sete anos.

Outro grande avanço foi o feito histórico no basquete masculino. Pela primeira vez na história do Jogos Olímpicos, uma mulher, a brasileira Andreia Regina apitou um jogo da modalidade. Antes, mulheres só tinham apitado jogos femininos.

No judô, a medalha de bronze foi destinada a Mayra Aguiar colocando a atleta como única brasileira dos esportes individuais a ganhar três medalhas olímpicas, um recorde.

Na ginástica, a brasileira Rebeca Andrade superou campeãs mundiais conquistando medalha de ouro. Ao som do funk: "baile de favela" sua apresentação foi majestosa. Com apenas vinte e dois anos, Rebeca quase ficou sem participar dos Jogos devido a três cirurgias feitas ocasionadas por lesões. Por conta da pandemia e com as Olimpíadas adiadas, ela conseguiu se recuperar a tempo e fazer sua apresentação digna de ouro.

Estas, são mulheres incríveis em suas apresentações impecáveis, buscando espaço, conquistando títulos importantíssimos e deixando suas marcas no meio esportivo apesar das desigualdades.

Uma outra problemática bastante debatida recentemente, foram as mulheres e práticas esportivas no país Afeganistão. Após a decisão dos Estados Unidos de retirarem suas tropas de lá, no dia 15 de agosto de 2021 quase 20 anos depois de terem sido expulsos, o grupo ditador extremista Talibã tomou a capital do país.

O Talibã tem como religião o Islamismo e acreditam ser os únicos que praticam o “verdadeiro Islamismo”. Em seu último domínio da região, as mulheres tinham inúmeras restrições, não podiam trabalhar, estudar, deveriam ser subservientes de

seus maridos e não sair em hipótese alguma sem acompanhamento de um homem. Precisando sempre estarem vestidas por uma burca cobrindo todo seu corpo, apenas com os olhos a mostra. A arte em sua mais simples e pura demonstração era estritamente proibida: música, filmes, livros. E todo acervo da Biblioteca Central de Cabul foi queimado em 1998. Qualquer desobediência a lei islâmica era punida com execuções, apedrejamentos, amputações em praça pública. O ataque mais famoso do grupo foi o contra a estudante Malala Yousafzai, em 2012 ela tinha quinze anos e foi baleada apenas por defender o direito das mulheres ao estudo.

Na recente tomada de poder, o grupo nega que as mesmas normas rígidas antes tomadas, sejam também agora. Porém, os primeiros sinais já podem ser vistos e considerados bem problemáticos. Mulheres já foram proibidas de ocuparem certos empregos, vitrines com imagens de mulheres mostrando algo além de seus olhos foram removidos e pintados, foi autorizado o estudo as mulheres apenas com a condição de que elas fossem separadas em outras salas dos homens e o direito a qualquer prática esportiva foi banido no país.

Ser mulher dentro das práticas esportivas é estar em constante luta pela equidade. É buscar por espaço dentro da sociedade, não permitir ser silenciada, ter seus nomes em evidências, já que por tantos anos foram apagados. E ser então, uma mulher preta ou uma mulher trans, é precisar lutar duas vezes mais que uma branca e cisgênero. Pois, além da desigualdade, ainda existe o preconceito e o racismo servindo como barreiras.

Apesar das mulheres provarem constantemente capacidade e independente de suas conquistas, ainda são masculinizadas e comparadas a homens quando atingem grandes feitos dentro do esporte. Seja pelo seu corpo mais definido, pela sua força, resistência ou até mesmo pela determinação e persistência. Isso, acaba por afastar algumas mulheres das práticas esportivas, aquelas que estão presas aos estereótipos estabelecidos pela sociedade. Em contrapartida, outras seguem independente dos julgamentos e preconceitos na luta pela busca de seu espaço dentro do esporte e da história.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nascemos sem conhecimento prévio, sem opiniões formadas o meio que nos influencia através de experiências. Assim como pensava o filósofo John Lock:

Suponhamos, pois, que a mente é, como dissemos, um papel em branco, desprovida de todos os caracteres, sem ideia alguma; como ela será suprida? De onde lhe provém este vasto estoque, que a ativa e que a ilimitada fantasia do homem pintou nela com uma variedade quase infinita? De onde apreende todos os materiais da razão e do conhecimento? A isso respondo com numa palavra: da experiência (LOCKE, 1689, p. 57).

Por vezes, a sociedade determina fatores através da cultura e isso resulta diretamente no que entende-se sobre o mundo. Nosso primeiro contato sentimental na maioria das vezes é o com nossa mãe, a mesma que nos educa e nos ajuda em nossa formação. Para ensinar ao próximo sobre desigualdades não é tão simples, principalmente quando já se está moldada e convencida por toda influência social.

Apesar de todo avanço, a mulher ainda não é tratada em par de igualdade em todos os âmbitos. A desigualdade de poder entre homens e mulheres está enraizada na sociedade talvez devido ao patriarcado que coloca o homem como ser superior. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018) mulheres

ganham menos que os homens em todas as ocupações selecionadas na pesquisa. Mesmo com uma queda na desigualdade salarial entre 2012 e 2018, as trabalhadoras ganham em média 20,5% menos que os homens no país. Ou seja, além de estarem em menor número em grandes cargos, ainda ganham menos que homens ocupando o mesmo espaço.

A imagem da mulher vem mudando ao longo dos anos dentro da Educação Física. Antes, a maior preocupação era o desenvolvimento da feminilidade, do corpo saudável para gerar filhos saudáveis. Hoje em dia, embora ainda exista uma imagem de "corpo perfeito" vendida pela indústria da beleza, é possível observar resistência por profissionais da área a apoiar e diminuir a Educação Física apenas ao corpo, quando se existem inúmeros outros benefícios além da estética em praticar exercícios físicos.

Sobre feminismo viu-se inúmeros conceitos e discursos sobre o movimento. E não demora muito para encontramos mulheres exibindo seus corpos como símbolo de empoderamento. Corpos esses de mulheres que são objetificados e sexualizados desde sempre, condicionados e moldados pelo patriarcado. O que torna intrigante é: seriam mesmo esses corpos livres? Seriam as mulheres donas dos seus corpos e de suas regras? Ou seria mais uma forma do capitalismo disfarçado tentando utilizar do discurso feminista para beneficiar homens com esses corpos? É preciso ter muito cuidado ao diferenciar discursos de um movimento que tanto ajudou e ajuda mulheres, com armadilhas impostas pelo capitalismo.

De acordo com todos os aspectos analisados, é possível dizer que a igualdade de gênero não é algo que se irá conquistar do dia para noite, nem mesmo esse ano ainda. Por mais que a lei diga que somos todos iguais perante ela, o patriarcado, machismo, desigualdade social, política, econômica e de gênero são bem resistentes. Precisa-se de um mundo em que as mulheres possam tranquilamente assumir seu protagonismo sem serem julgadas. Para isso, ainda é preciso desconstrução, desobediência e que mulheres não se limitem ao que lhe impõem. O ser humano não nasce machista ou preconceituoso, torna-se. Mulher não nasce sabendo cozinhar, limpar, lavar, passar e trocar fraldas. Isto, é facilmente aprendido e ambos os gêneros são capazes de tal aprendizado. Por isso, a importância também de desde cedo educar os mais novos, a construir sua criticidade, a igualar responsabilidades, para enfrentar situações e saber lidá-las.

A escola é onde se tem o primeiro contato com o conhecimento, com a cultura, vivenciam-se as primeiras tomadas de decisões, angústias, amores, valores, medos e preconceitos. E por isso, passa a ser vista como o principal espaço de desconstrução de termos sociais, responsáveis por mudar valores e por apresentar a visão da mulher e de sua cultura, independente de julgamentos sociais. Os educadores assim, têm a responsabilidade de expandir o conhecimento dos alunos sobre a história, sobre as lutas e vitórias alcançadas com o passar do tempo.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) é um documento que orienta quais são as aprendizagens necessárias e essenciais a serem trabalhadas em sala de aula nas instituições públicas e privadas do nosso país. Ela traz a Educação Física com três principais dimensões do conhecimento: 1 - Conceituais (saber sobre), 2 - Procedimentais (saber fazer) e 3 - Atitudinais (saber ser e conviver). Dentre algumas das conceituais, temos a reflexão sobre a ação e a compreensão, que é justamente onde cabe o compreender sobre a Educação Física em seu contexto sociocultural e histórico.

A partir disso, entra o papel da Educação Física escolar nessa desconstrução de estereótipos da imagem feminina. Começar desde cedo incentivando o

pensamento crítico, problematizando condutas segregacionistas, apresentando atividades como instrumento educativo, ensinando que não existem atividades, brincadeiras, jogos e esportes específicos para determinado gênero. Quem sabe assim, a próxima geração consiga a tão esperada equidade de direitos.

REFERÊNCIAS

BAGNARA, I. C.; ALMEIDA, A. L.; CALONEGO, C. O processo histórico, social e político da evolução da Educação Física. Buenos Aires: **Revista Digital Efdesportes.com**, 2010. Disponível em: <https://www.efdesportes.com/efd145/o-processo-historico-da-educacao-fisica.htm> Acesso em: 07 de set. de 2021

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BENTO, Berenice. O belo, o feio e o abjeto nos corpos femininos. Sociedade e Estado [online]. 2021, v. 36, n. 01, pp. 157-172. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202136010008>. Epub 26 Maio 2021. ISSN 1980-5462. <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202136010008>. Acesso em: 30 de maio de 2021.

CARVALHO, Priscila; MENEZES, Kiko. Suíça volta ao estádio onde quase desmaiou na maratona olímpica de 84. **GloboEsporte.com**, Los Angeles, 31 de jul. 2016. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/2016/07/suica-volta-ao-estadio-onde-quase-desmaiou-na-maratona-olimpica-de-84.html> Acesso em: 19 de Abr. de 2021.

CLARK, Bebel. Conheça a primeira mulher a correr uma maratona. Runningherois, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://br.runningheroes.com/pt/blog/conheca-a-primeira-mulher-a-correr-uma-maratona> Acesso em: 17 de Abr. de 2021.

DIMENSÕES de conhecimento e o trabalho com as práticas corporais nas aulas de educação física. Impulsiona, 2019. Disponível em: <https://avamec.mec.gov.br/ava-mec-ws/instituicao/peninsula/conteudo/modulo/1081/page9.html> Acesso em: 12 de set. de 2021

DI PIERRO, Carla. Mulher e esporte: uma perspectiva de compreensão dos desafios do Ironman. Revista Brasileira de Psicologia do Esporte, v. 1, n. 1, p. 01-22, 2007.

DO CARMO, Karla Suyanne Nascimento; ISCHIARA, Julio Cesar; CARNEIRO, Stania Nágila Vasconcelos. A subjetividade feminina na atualidade: um levantamento de como a mulher se percebe diante dos papéis assumidos por ela. 2011. p. 01-13 (Trabalho de curso) - Faculdade de Psicologia, Faculdade Católica Rainha do Sertão, Brasil, 2011.

ENTENDA o que é o Talibã e saiba o que aconteceu no Afeganistão. EXAME, 2021. Disponível em: <https://exame.com/mundo/entenda-o-que-e-o-taliba-e-saiba-o-que-aconteceu-no-afeganistao/> Acesso em: 12 de set. de 2021.

FERREIRA, H.S. Apostila para concurso de professores de Educação Física SD3: Tendências da Educação Física. Trabalho não publicado. Fortaleza, 2009.

FROZZA, Fernanda. Quem são as 10 mulheres que mudaram a história do esporte no Brasil. **GLAMOUR**, 2019. Disponível em: <https://revistaglamour.globo.com/G-Especial/Esporte/noticia/2019/05/quem-sao-10-mulheres-que-mudaram-historia-do-esporte-no-brasil.html> Acesso em: 30 de abr. de 2021.

GASPARI, Leni Trentim. **Imagens femininas nas gêmeas do Iguaçu, nos anos 40 e 50**. Gráfica e Editora Kaygangue, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação física e a construção de imagens de feminilidade no Brasil dos anos 30 e 40. *Movimento*. Porto Alegre. Vol. 7, n. 13,(2000), p. 61-70., 2000.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica**. Seminário Estadual de Dissertações e Teses (1: 2000: Porto Alegre, RS). [Programa e resumos]. Porto Alegre: UFRGS, 2000, 2000.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **Educação física progressista**. Edições Loyola, 1991.

JOGOS Olímpicos de 2020 em Tóquio. **Portal Mídia Ninja** via Instagram, 2021. Disponível em: https://www.instagram.com/midianinja/?utm_medium=copy_link Acesso em: 09 de ago. de 2021

JOGOS Olímpicos de Verão 2020 em Tóquio. Portal de notícias **Quebrando o Tabu** via instagram, 2021. Disponível em: https://www.instagram.com/quebrandootabu/?utm_medium=copy_link Acesso em: 09 de ago. de 2021.

LOCKE, John. **Ensaio sobre o entendimento humano**. Livro II, cap. 1, p. 57. Coleção “Os Pensadores”. São Paulo: Nova Cultural, 2005.

LORIERI, Marcos Antônio. **Educação e Subjetividade na Cultura Globalizada- ideias a partir da Teoria da Complexidade de Edgar Morin**. Notandum Libro, v. 11, 2008.

MARIA, Jonas. Trans nos esportes: o projeto, a incoerência e a transfobia. **Mídia Ninja**, 2021. Disponível em: <https://midianinja.org/jonasmaria/trans-nos-esportes-o-projeto-a-incoerencia-e-a-transfobia/> Acesso em: 07 de set. de 2021

MATOS, Vera Lúcia Dantas. A mulher na pós-modernidade: uma breve reflexão sobre identidade, papéis sociais e emoções. Monografia. (Conclusão do curso de Psicologia) Centro Universitário de Brasília. 2005.

OLIVEIRA, Nielmar. Pesquisa do IBGE mostra que mulher ganha menos em todas as ocupações. AgênciaBrasil, 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-03/pesquisa-do-ibge-mostra-que-mulher-ganha-menos-em-todas-ocupacoes> Acesso em: 13 de set. 2021.

O SALTO proibido na patinagem que ninguém se atreve a fazer há 20 anos. **Diário de Notícias**, 23 de fev. de 2018. Disponível em: <https://www.dn.pt/desporto/o-salto->

proibido-na-patinagem-que-ninguem-se-atreve-a-fazer-ha-20-anos-9139274.html
Acesso em: 17 de Abr. de 2021.

PESSOA, Thalita. Aida dos Santos, a mulher que o pódio não pôde suportar. **O Globo Esportes**, Rio de Janeiro, 25 de jan de 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/rio-2016/aida-dos-santos-mulher-que-podio-nao-pode-suportar-18528315> Acesso em: 19 de Abr. de 2021.

SÁ, Luiza. Decreto-Lei que proibiu o futebol feminino completa 80 anos; como foi e as consequências na modalidade. **Lance - Futebol Nacional**, 2021. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.lance.com.br/futebol-nacional/anos-proibicao-futebol-feminino.html> Acesso em: 17 de Abr. de 2021.

SEPÚLVEDA, Leticia. Talibã proíbe mulheres de praticarem esportes no Afeganistão. **R7 Internacional**, 2021. Disponível em: <https://noticias.r7.com/internacional/taliba-proibe-mulheres-de-praticarem-esportes-no-afeganistao-08092021> Acesso em: 11 de set. 2021.

TILIO, Rafael De et al. Corpo feminino e violência de gênero: uma análise do documentário “chega de fiu fiu”. *Psicologia & Sociedade*, v. 33, 2021.

TORRES, David. Mulheres na história dos esportes #2 Stamata Revithi. **Esporte em Rede**, 2018. Disponível em: <http://esportemrede.blogspot.com/2018/03/mulheres-na-historia-dos-esportes-2.html> Acesso em: 19 de Abr. de 2021.